

Com a prática, Etno+Matema+Tica

Olenêva Sanches Sousa

Resumo

O Programa Etnomatemática é uma teoria geral do conhecimento, que tem como princípio a transdisciplinaridade. O sistema de ensino brasileiro prescreve um currículo de caráter disciplinar, com uma base nacional comum e uma parte diversificada, que abre espaços às atividades com referência às realidades. A realidade informa fatos e fenômenos, que se mostram oportunos aos projetos etnomatemáticos. Esse relato traz considerações docente-discentes acerca de algumas práticas diversificadas, passíveis de desenvolvimento em quaisquer contextos educacionais, que ocorrem no Ensino Médio da rede pública de ensino, inspiradas em reflexões filosóficas. O texto é construído a partir de um diálogo entre a prática pedagógica da Educação Básica e a teoria d'ambrosiana, buscando evidenciar aspectos socioculturais e epistemológico-cognitivos da concepção Etnomatemática e seus reflexos no planejamento das *Atividades Socioculturaleducativas*.

Palavras-chave: Currículo; Programa Etnomatemática; Transdisciplinaridade; Educação Básica.

Introdução

Etnomatemática é uma teoria geral do conhecimento, que concebe o currículo à luz da transdisciplinaridade e do respeito à diversidade, tendo em vista os instrumentos socioculturais disponíveis nas realidades. Muitas práticas etnomatemáticas acomodam-se em uma zona de conforto, ditada pelo sistema de ensino, limitando-se à busca de significados sócio-histórico-culturais aos conceitos listados nos currículos formais, em especial, os matemáticos, retendo o Programa à área da Educação Matemática.

Este relato busca entrelaçar reflexões filosóficas com descrições de ações de nossa vivência docente, evidenciando a orientação do Programa Etnomatemática, na Educação Básica, em um diálogo entre esta teoria e a prática, sob o olhar docente-discentes. Destaca a concepção sociocultural e epistemológico-cognitiva Etnomatemática e seus reflexos político-pedagógicos no planejamento e desenvolvimento do currículo, que conferem um caráter ousado e inovador às práticas relatadas, frente ao cenário educativo, montado pelo sistema público de ensino, e ao cenário de diversidade sociocultural, que nos é apresentado como realidades brasileiras. Aqui, buscamos também fortalecer a transcendência deste Programa para a Educação em geral, pela popularização de seu *corpus* conceitual, nas ações pedagógicas.

O sistema de ensino brasileiro prescreve um currículo disciplinar, com uma base nacional comum, complementada por uma parte diversificada, com referências à diversidade local. (BRASIL, 1996). A realidade informa fatos e fenômenos, que se mostram oportunos a projetos etnomatemáticos. Arriscamos inferir que, sempre, a diversidade das realidades brasileiras tem potencial para informar uma diversidade de fatos e fenômenos, que podem retratar a diversidade sociocultural da singularidade brasileira, ou a singularidade sociocultural da diversidade brasileira, ou a diversidade singular da realidade sociocultural brasileira, ou a singularidade diversa da realidade sociocultural brasileira.... Como Morin (2000, p. 57), preocupamo-nos com a crucialidade do duplo fenômeno das culturas, pois “os que veem a diversidade das culturas tendem a minimizar ou a ocultar a unidade humana; os que veem a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade das culturas. [...] O ser humano é, ao mesmo tempo, singular e múltiplo” e concordamos que é papel da Educação “cuidar para que a idéia de unidade da espécie humana não apague a idéia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade” (p. 55).

Se, na perspectiva Etnomatemática, a diversidade sociocultural se reflete, inevitavelmente, no currículo, a nossa Educação escolar não pode deixar a diversidade brasileira às margens do seu processo, pela complexidade e multirreferencialidade, que decorrem de sua consideração, pois os fatos e fenômenos, que se manifestam como realidades e representações, informam, continuamente, os seus atores, os envolvem em seus processos intelectuais e comunicativos, e os impelem à busca de estratégias para ações, que lhe são exigidas às suas vivências e convivências, em suas realidades.

Baseamo-nos em uma metáfora Etnomatemática, *gaiolas epistemológicas*, para o discorrer do texto: *O sociocultural e o político-pedagógico: estratégias de fuga* coloca a relação entre o político, o pedagógico e o sociocultural como uma estratégia de fuga das *gaiolas*; *Transdisciplinaridade e currículo: estratégias de um fugitivo* busca, na proposta transdisciplinar de currículo, a segurança para o manter-se fora das *gaiolas*; e *Etnomatemática, na prática: a revoada* traz reflexões discentes acerca da prática relatada. O texto apresenta-se como um hiperdocumento, para proporcionar aos leitores, conforme seus interesses, o aprofundamento conceitual e as constatações do que está em pauta, pelo contato direto, respectivamente, com as obras de referência e com memórias de *Atividades Socioculturais educativas*, realizadas com a docência de Filosofia, no Colégio Estadual Alípio Franca, ligado à Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA).

O sociocultural e o político-pedagógico: estratégias de fuga

Ao assumirmos a docência na Educação Básica, tornamo-nos membros de um sistema de ensino e nos percebermos engaiolados. Ajustamo-nos ao outro e aos objetivos pedagógicos, com base nas segmentações de convivências, que já se encontram definidas, como as coordenações, gestões, diretorias, etc., que predizem uma trajetória política para o nosso trabalho. Como mais específico dos limites, está a própria área de conhecimento, escolhida a partir de nossos interesses, que nos é ofertada como *disciplina*. Sob essa ótica, o trabalho docente encontra-se preso, extrinsecamente, a múltiplos fatores que, politicamente, o predefinem, mas também, pedagógica e intrinsecamente, à disciplina de atuação, aprisionando-nos a uma concepção acadêmica de conhecimento, com base nos preceitos cultivados pela área de conhecimento que escolhemos.

Gaiolas Epistemológicas é uma metáfora (D'AMBROSIO, 2011a, p. 7) que concebe as disciplinas “como conhecimento “engaiolado” na sua fundamentação, nos seus critérios de verdade e de rigor, nos seus métodos específicos para lidar com questões bem definidas e com um código linguístico próprio, inacessível aos não iniciados.”. Não é fácil a fuga da gaiola! A manutenção representa conforto e segurança, mas o engaiolamento reflete a persistência da cultura da transmissão de conceitos e procedimentos, a poda da criticidade e criatividade, e certa discordância com as finalidades do Ensino Médio, no Art. 35 de Brasil (1996), de preparar para o exercício da cidadania e para “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. As políticas públicas brasileiras e as teorias da Educação nos favorecem, com aportes instrumentais e emocionais, que nos podem impulsionar porta afora, deixando-nos todos *condenados* aos riscos da liberdade, se ousamos abrir as portas de nossas gaiolas e convidar outros a fazerem o mesmo.

Na concepção Etnomatemática, D'Ambrosio (2011b) diz que “currículo é o conjunto de estratégias para se atingir as metas maiores da educação” (p. 26): “possibilitar a cada indivíduo atingir seu potencial criativo [e] estimular e facilitar a ação comum, com vistas a viver em sociedade e exercer a cidadania” (p. 25). O pensamento crítico é inerente à sua proposta curricular, cujos instrumentos socioculturais devem ser disponibilizados na prática pedagógica, e ao

reconhecimento de que “o momento social está na origem do conhecimento” (p. 52), pois, para ele, “as práticas *ad hoc* para lidar com situações problemáticas surgidas da realidade são o resultado da ação de conhecer. Isto é, o conhecimento é deflagrado a partir da realidade. Conhecer é saber e fazer.” (p. 50). Assim, uma prática, etnomatematicamente orientada, obriga-se ao estabelecimento de relações entre o sociocultural e o político-pedagógico e admite a realidade, em sua diversidade e complexidade, como contexto da experiência, uma vez que, a negação das experiências pessoais dos educandos, no currículo, deixa-o “desinteressante, obsoleto, e, na sua grande parte, inútil”, assumindo “um caráter de artificialidade e irreabilidade”. (p. 31). “O que é, pois, a realidade?”, pergunta Chaui (2000, p. 307): “a existência do mundo material, natural, ideal, cultural e a nossa existência nele [...] o campo formado por seres ou entes diferenciados e relacionados entre si, que possuem sentido em si mesmos e que também recebem de nós outros e novos sentidos”.

Desengaiolados, devemos definir estratégias ao encontro político-pedagógico com a realidade sociocultural, sem perdermos de vista o vínculo preestabelecido com a escola e o sistema de ensino, também realidades, o que só pode ocorrer a partir de uma atitude crítica, na qual haja o distanciamento necessário à reflexão acerca da própria prática, no espaço crítico que é criado, sob o olhar de quem olha de fora da gaiola. Para Chaui (2000, p. 9), a atitude crítica é “um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às idéias da experiência cotidiana, ao [...] ao estabelecido”, para colocar “uma interrogação sobre o que são as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos”. Se o educador entende a atitude crítica como essencial ao encontro político-pedagógico-realidade, deve ser seu desejo que essa atitude se manifeste no fazer-saber discente, que as estratégias pedagógicas não caibam mais nos limites disciplinares e que essa postura docente nos empurre para a transdisciplinaridade, que repousa, segundo D'Ambrosio (2009, p. 80), “sobre uma atitude aberta, de respeito mútuo e mesmo de humildade com relação a mitos, religiões e sistemas de explicações e de conhecimentos, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência”.

Desse modo, para além dos processos de escolarização e reconhecendo a importância da ética, o educador pode marcar sua presença, “como uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros [...] que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe”, pois, continua Freire (1996, p. 9), “é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável [...]”. D'Ambrosio (2009) diz que “o comportamento humano tem sido crescentemente dominado pelo sentimento de que uns indivíduos podem valer mais que outros” (p. 43), e, como Freire (1996), afirma que “é o reconhecimento do outro que origina a necessidade de uma ética” (42), *ética da diversidade*, “em que o respeito pelas diferenças comportamentais de cada indivíduo e pela diversidade cultural esteja associado à solidariedade do homem para com seus semelhantes nas necessidades de sobrevivência e de transcendência” (p. 48).

Há cinco anos, desenvolvemos e refletimos acerca de ações sócio-cultural-educativas, que intitulamos de *Atividades Socioculturaleducativas*. Pela relevância temática, de envolvimento

discente e de parcerias escola-comunidade, já foram reconhecidas e premiadas pelo Ministério da Educação, em 2013, com o *Prêmio Professores do Brasil*, categoria *Educação Integral e Integrada*, e pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com o *Prêmio Professor Inovador 2015*.

As *Atividades Socioculturaleducativas* iniciaram-se em uma unidade de Educação complementar à escolarização básica, mas as gaiolas da escolarização pouco davam espaços aos voos e, muitas vezes, cortavam-nos as asas. Com a extinção dessa unidade pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), assumir uma disciplina, em um currículo formal, numa escola regular, parecia-nos um mergulho em uma zona de riscos, da qual já conhecíamos alguns princípios e concepções, sustentados por teorias da Educação e por uma teoria geral do conhecimento ampla, flexível ao diálogo com quaisquer áreas de conhecimento e exequível em quaisquer realidades, o Programa Etnomatemática, que entende o papel da Educação na crítica aos problemas e conflitos e na postura criativo-interventiva para resolvê-los, com vistas à paz. Assim, em 2016, diante de novo contexto e equipe de trabalho e com a disciplina Filosofia, em dois meses de atuação docente, vivenciamos nossa primeira *Atividade Socioculturaleducativa* no Alípio Franca. Esse relato foca essas recentes atividades, que se desdobram de vivências passadas e em novas oportunidades, a partir de interesses discentes, apresentando princípios e concepções próprios, etnomatematicamente orientados, e que podem caracterizar-se como *estratégias de fuga* na/da nova gaiola.

Uma *Atividade Socioculturaleducativa* visa à liberdade de expressão, à comunicação, à Educação emocional e da vontade, a partir de oportunidades, que se mostram relevantes aos objetivos maiores da Educação, que, segundo o Programa Etnomatemática, são o desenvolvimento do potencial criativo e a facilitação da ação comum, com foco na qualidade da convivência social e no exercício pleno da cidadania. A principal *estratégia de fuga* é fomentar o encontro do político-pedagógico com o sociocultural, com ações planejadas com um parceiro voluntário, como uma pessoa ou instituição, que desenvolva ou esteja com alguma ação relevante ao público discente, ou ainda um professor ou estudante da própria escola, que tenha alguma proposta diferenciada de ação.

O essencial de uma *Atividade Socioculturaleducativa* é trazer situações da realidade, isto é, a parceria deve ser firmada tal como é apresentada a situação, sem simulações do real, devendo ser considerada em sua integralidade e complexidade e fazer presente toda a diversidade, decorrente: da oportunidade-parceira, como um evento artístico, cultural, acadêmico, político, etc.; do local de ocorrência, que pode ser a escola ou qualquer ambiente adequado à atividade e ao público; dos interesses e afinidades discentes, o que exclui a obrigatoriedade para todos, inclusive atribuição de nota e de valores disciplinares; dos conhecimentos envolvidos no contexto da atividade, que demandam novas aprendizagens docentes e estratégias de envolvimento discente com a temática, como socialização de textos e vídeos sobre o assunto, orientação para estudo, discussões, etc.. Sob nosso olhar, esses aspectos, ao aproximarem a realidade sociocultural da intencionalidade política da ação pedagógica, impõem ao professor estratégias inovadoras para o currículo escolar.

Alguns aspectos dos currículos formais do sistema de ensino vigente mostram-se aprisionadores da criatividade e de iniciativas de ações coletivas: nota, única medida determinante da promoção discente às séries mais avançadas; utilidade dos conteúdos restrita aos interesses do poder vigente; disciplinarização do conhecimento, na qual se julgam como pertinentes/relevantes ou não os outros conhecimentos, que não estão no rol de conteúdos da base curricular ou no que é definido para os projetos que envolvem as diversas disciplinas escolares; tempos de aula, que interrompem processos; e o fato de serem os conteúdos escolares, como avalia D'Ambrosio, desinteressantes, obsoletos e inúteis, se trabalhados na perspectiva de sua transmissão.

Uma *Atividade Sociocultural educativa* firma sua *estratégia de fuga* ao ir de encontro a esses aspectos aprisionadores, rompendo com a cultura de aprisionamento, ousando intencionar e desenvolver propostas alternativas e desafiadoras e assumindo algumas características: são atividades sócio-cultural-educativas, em conhecidos espaços locais, mas também na escola; nunca valem nota para nenhuma disciplina, apenas as aprendizagens que os estudantes podem ter para sua formação geral; objetivam apresentar aos estudantes o mundo de oportunidades locais, despertando seus interesses pessoais, profissionais e acadêmicos; podem ser de quaisquer áreas de conhecimento ou envolver várias; resultam de parcerias com pessoas e instituições locais, especialistas nas diversas áreas e de credibilidade; preveem a presença de responsáveis discentes, caso desejem nos acompanhar. Assim, uma vez definidas as estratégias de fuga, chave-mestra às portas das gaiolas, cabe-nos sustentar o voo de nossas intencionalidades político-pedagógicas, sem o risco de sermos reencaminhado às gaiolas ou vermos nossas asas cortadas, nas primeiras iniciativas.

Transdisciplinaridade e currículo: estratégias de um fugitivo

Um propósito pedagógico com referências à realidade, tal como ela é, implica a tentativa de negação de uma superficialidade, que reside na sala de aula, imposta pelos limites disciplinares, conceituais e comportamentais, dos exercícios docente e discente.

D'Ambrosio (2013) considera uma incessante transformação das culturas, que obedecem a uma dinâmica cultural, implícita nas interações não dicotômicas das diversas formas de saberes (teorias) e fazeres (práticas), e seus valores, como parâmetros de subordinação de comportamentos aceitos pelo grupo. O conceito de cultura associa-se ao de Etno+Matema+Tica também pelo compartilhamento de conhecimentos por um determinado grupo cultural bem identificado. Concordamos com D'Ambrosio (2009, p. 14) que, “para quem faz uma reflexão sobre as ameaças que pesam sobre o planeta, sobre a vida e sobre as frequentes violações da dignidade de indivíduos e de culturas, fica evidente a necessidade de busca de uma nova ordem mundial”, o que torna “imprescindível outro pensar, que é o da transdisciplinaridade” (p. 15).

O que faz do Programa Etnomatemática uma teoria geral do conhecimento, que pode orientar *Atividades Socioculturais educativas*, é a sua flexibilidade para estabelecer interfaces conceituais com a Educação em geral, e a sua amplitude de foco na aquisição do conhecimento, que, do ponto deste autor, “ocorre através de maneiras, modos, técnicas ou artes [*tica*] de explicar,

conhecer, entender, lidar, conviver (*matema*) com a realidade natural e sociocultural (*etno*) na qual o indivíduo está inserido” (D'AMBROSIO, 2009, p. 16) e alimenta o comportamento humano: Etno+Matema+Tica. Na perspectiva Etnomatemática, o conhecimento é vital, pois garante a sobrevivência, bem como a transcendência humana, e descreve um ciclo individual contínuo – o *Ciclo Vital* – que interrelaciona a realidade, indivíduo e ação; uma realidade, que informa o indivíduo, que processa as informações e define estratégias de ação, que sempre impactam a realidade. Ainda para este autor, é o comportamento o determinante da teorização, pois é ele que, ao se constituir do fazer, da própria prática de interação do indivíduo com a sua realidade, possibilita a construção de “explicações organizadas resultantes da reflexão sobre o fazer” (p. 27), que se constitui no saber, no conhecimento.

A comunicação implica um ciclo mais ampliado, *Ciclo do Conhecimento*, que contempla a geração de conhecimentos comuns e considera a ação do poder na sua expropriação, filtragem e devolução posterior, de modo que o poder se mantenha e que os que recebam o filtrado, além de se sentirem desfamiliarizados, até mesmo desmotivados, face aos conhecimentos sistematizados, tenham subserviência ao poder, que lhe instrui. A desatenção à ação do poder põe em risco qualquer fugitivo, que busca negar a alternativa de um mundo de luta e competição, que, segundo Maturana (1998, p. 34), agride a emoção fundamental que define o humano, “o amor, a coexistência na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência.”. Um forte ponto etnomatemático, que nos motiva ao empreendimento das *Atividades Socioculturaleducativas*, é a *ética da diversidade*, que tem como princípios, segundo D'Ambrosio (2009), o respeito, a solidariedade e a cooperação.

Maturana (2001) convida a Filosofia a uma mudança, para que assuma a participação das emoções na reflexão sobre o humano, sobre o social e na reflexão ética. Nesse sentido, o foco da atividade desenvolvida deve estar nas oportunidades socioculturais, pela oportunidade em si, mas, como mais relevante, no emocionar dos educandos, em suas relações consigo mesmos, com o outro e com essas realidades, em vias de uma mudança da cultura de exploração do outro e da natureza, conforme mesmo autor, “centrada na dominação e na submissão, na desconfiança e no controle, na desonestidade, no comércio e na ganância, na apropriação e na manipulação mútua...”. (p. 197). Para ele, por exemplo, nossos cérebros não mudam pela tecnologia, a menos que “nosso emocionar mude à medida que refletimos sobre o que nos acontece ao usá-la ou contemplá-la e nós passemos por uma mudança cultural”, pois, com ela, “nós mudamos o que fazemos enquanto conservamos a cultura (a configuração do emocionar) à qual pertencemos” (198).

Ao assumirmos a teoria Etnomatemática, tomamos como princípio a valorização da subjetividade, pelo emocionar dos envolvidos, e o reconhecimento vivenciado da *dinâmica dos encontros culturais*. Além disso, baseamo-nos na proposta transdisciplinar do seu currículo, que lança mão dos instrumentos comunicativos (*literacia*), analíticos e simbólicos (*materacia*) e materiais (*tecnoracia*), que, respectivamente, têm as finalidades de ser funcional na sociedade, entender situações novas e ser criativo, e utilizar, inteligentemente, os instrumentos disponíveis. D'Ambrosio (2011b) critica um currículo básico de escola igual para todos e julga o ler, escrever e

contar insuficientes à cidadania plena, dizendo que sua proposta pode funcionar como uma resposta educacional “às expectativas de eliminação da iniquidade e violação da dignidade humana, primeiro passo para a justiça social” (p. 85). E é nesse sentido que seguimos fora das gaiolas.

Etnomatemática, na prática: a revoada

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!
(Mário Quintana, 1978)

Nossa escola fica em Salvador, Bahia, Brasil. Os estudantes de Filosofia, 1º e 2º anos do Ensino Médio, têm entre quinze (15) e dezoito (18) anos, estão organizados, conforme matrícula inicial, em oito (8) turmas de quarenta (40) pessoas cada, com as mulheres representando, aproximadamente, 60% do total. Em sua maioria, possuem alguns problemas de restrição dos usos da *literacia-materacia-tecnoracia*, de limitação de seu universo à realidade próxima (família-escola-bairro), de baixa condição socioeconômica e, porque não dizer, de sua condição afrodescendente, em um país, cujos valores eurocêtricos perduram, hegemonicamente, na epistemologia dos conhecimentos escolares, que lhes são exigidos para a competição que enfrentarão na realidade ampliada, e que, para muitos, poderá mostrar-se também perversa. Ao sistema de ensino que lhes priva do pleno potencial criativo e crítico para exercerem, em igualdade e justiça, suas cidadanias, nosso desejo é ouvi-los recitando com Quintana (1978), o Poeminha do Contra, em epígrafe.

Ao chegarmos na escola, na segunda unidade letiva, temos problemas de adaptação, desde os choques de horários até reações negativas discentes com a troca de professor, a ausência de notas na unidade vencida e a aceitação das novas concepções e metodologias docentes. Os conflitos manifestam-se e precisamos de habilidade a lidar com eles. Sob nosso ponto de vista, se Filosofia, enquanto disciplina, poderia discursar sobre filósofos e ideias filosóficas, ao longo da história da humanidade, certamente, mais que isso, poderia se apresentar como um potente recurso de reflexão, criticidade e criatividade. E o nosso desafio torna-se a verter da disciplina a transdisciplinaridade.

A prática operacionaliza-se em um currículo, cuja estratégia é “catar”, nas oportunidades locais, técnicas e artes (*ticas*) de entendimento, compreensão e lida (*matema*) com uma realidade sociocultural (*etno*), Etno+Matema+Tica, e identificar, nesse universo, instrumentos que favoreçam a criatividade e a criticidade, imbuídas de ideais de ética e paz, na *dinâmica dos encontros culturais*. Com participação espontânea, a intencionalidade filosófico-pedagógica passa por nossa capacidade de emocionar as pessoas para a adesão à revoada dos que se vão arriscando vivenciar as atividades propostas. A realidade virtual sinaliza a importância da comunicação discente com a utilização do aplicativo *WhatsApp*, e propusemos e criamos um grupo de coadministração docente-discentes, o *Filozapando*, objetivando discutir outros assuntos, como

proposição, convite e organização das 'outras' atividades, e provocar algumas reflexões filosóficas, que emirjam das discussões.

Nosso planejamento, por segurança, buscou retomar parcerias anteriores e escolhemos abrir o segundo semestre com nove *Atividades Socioculturaleducativas* para os dois meses vindouros: Exposição Mediada do Laboratório de Ensino de Matemática e Estatística da Universidade Federal da Bahia (LEMA-UFBA), na escola, em 5/7/2016; visita guiada ao Mundo do Trabalho do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), unidade Dendezeiros, mesma avenida onde se localiza a escola, seguida de palestra sobre *Mundo do Trabalho: direitos e deveres*, com juízes do trabalho da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho – 5ª região – Bahia (AMATRA-5), dentro do seu projeto Trabalho, Justiça e Cidadania (TJC), em 26/7/2016; espetáculo *Violas Caipiras*, do projeto nacional do Serviço Social do Comércio (SESC), *Sonora Brasil*, no teatro Sesc Senac Pelourinho, em 28/7/2016; vivência criativa com o Balé Jovem de Salvador (BJS), na escola, em 8/8/2016; Todo Mundo Dança: aula aberta de dança, com ex-estudantes de Dança Contemporânea da unidade onde trabalhávamos, em 10/8/2016; espetáculo teatral *Curral Grande*, no teatro Gregório de Mattos, seguido de duas miniaulas de História e Filosofia e debate com professores e atores do espetáculo, com transporte e ingressos financiados pelo projeto TJC, em 10/8/2016; e visita ao Centro de Visitação Pituacu Solar, do Programa de Eficiência Energética da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA), sobre geração de energia fotovoltaica, em 17/8/2016. Essa programação foi informada, integralmente, à Assessoria de Comunicação da SEC-BA, que nos deu a felicidade de incluí-las nas notícias do Portal da Educação do Estado.

Fizemos um convite a cinco estudantes do 2º ano, muito participativos nas atividades mencionadas, dos quais apenas três, Ana Maria Tereza, Daiane e Mailza, de 15, 16 e 17 anos, respectivamente, aceitaram o convite, no prazo deste relato, expressando e autorizando a publicação de suas opiniões, no período de 14 a 16/8/2016, com base em cinco questões: 1ª) Qual a importância de considerarmos algumas oportunidades locais (científicas, artísticas e culturais) no processo de sua escolarização?; 2ª) Você acha que atividades como essas contribuem para a sua Educação? Como?; 3ª) Você acha que essas atividades deveriam valer nota para alguma disciplina? Qual?; 4ª) Tomando por base as atividades, que você participou, que conhecimentos novos ganhou com essa participação?; 5ª) Como você avalia a importância desse tipo de atividade para o desenvolvimento de sua atitude filosófica diante do mundo, para as relações interpessoais na escola e para a ampliação de seu universo social, político e cultural?

Daiane considera a importância da diversidade de aprendizagens, ressaltando que “tudo o que pode ser passado dos docentes para os alunos, ainda que não sejam assuntos didáticos (da educação teórica e em salas de aula) é muito importante, principalmente quando se trata de assuntos sociais, os quais fazem parte da vida cotidiana de todos”. Mailza acredita “firmemente que a arte e o meio cultural possam trazer conforto e alegria a todos”, pois, para ela, em conformidade com nossa concepção, “o aprendizado não vem só de sentarmos e abrirmos um livro, é muito importante para nossa formação como pessoas termos conhecimento de diversos assuntos e isso é

ótimo, pois nos leva a conhecermos outras formas de culturas de nosso próprio país”. Ana Maria Tereza faz um apelo à continuidade das atividades, comentando que acha a proposta diferente, que os estudantes “estão acomodados e acostumados com a rotineira escola” e que as atividades trouxeram “novos ares e despertaram desejos e talentos escondidos”, justificando que “nos distraíram e nos ensinaram ao mesmo tempo”, com o argumento muito emocional de que “com pessoas muito queridas, tivemos a oportunidade de aproveitar ao máximo”. Para ela, fazem o estudante “se sentir valorizado. Ele para e pensa: "Poxa, alguém pensou em nos ensinar e nos divertir ao mesmo tempo!"” (grifos dela), concluindo que “conseguir ensinar a um adolescente valores morais, sociais e culturais envolvendo História e Ciência, incluindo diversão é uma tarefa um pouco complicada”.

Como contributo para a sua Educação, todas avaliam positivamente. Daiane afirma que “educar é tudo aquilo o que nos faz abrir a mente para o mundo. Portanto, aulas socioeducativas, além de mostrarem um novo panorama, fazem com que os alunos tenham uma forma mais descontraída de aprendizado”, o que é complementado pela opinião de Mailza de que, “afinal, educar é também desenvolver a moral de uma pessoa e isso é muito importante para que sejamos menos ignorantes em relação a diversos assuntos” e pela declaração de Ana Maria Tereza de que “com certeza, eu tenho mais vontade e disposição de aprender quando são usados novos métodos de ensino”. Mas a cultura da disciplinaridade mostra sua força, pois, frente a uma proposta, puramente, qualitativa, muitos cobram provas, pontuação e até uma postura docente de transmissão de conhecimentos, quando são desafiados a aprenderem a aprender. Esse aspecto evidencia-se nas palavras de Daiane e de Maria Tereza, quando a primeira põe uma dúvida ao dizer que as atividades “talvez pudessem valer como ponto qualitativo para as matérias em que os alunos participantes tivessem uma maior dificuldade”, enquanto a outra aprova a quantificação por nota, sugerindo “que o governo poderia pensar em uma matéria determinada apenas para essas atividades extraclasse, na qual os alunos expressariam sua crítica sobre tais atividades”. Já Mailza, embora também não tenha tido orientação sobre transdisciplinaridade, se opõe a valorar, quantitativamente, sendo firme ao afirmar: “como acho que isso seja algo mais válido para nosso prazer como jovens, não concordo. Creio que devemos apreciar a oportunidade de aprender sem esperar ganhar pontuação em troca”.

Sobre novas aprendizagens, Daiane pontua que adquiriu “novas noções sobre os direitos e deveres dos trabalhadores”, comenta que aprendeu que o “balé não é somente algo clássico, com movimentos sincronizados e minimamente organizado, pode ser contemporâneo, é uma arte de expressar os sentimentos com o corpo” e que, com *Curral Grande*, aprendeu “sobre a seca de 1932 e o sofrimento dos chamados “Flagelados””. Mailza afirma que “já conhecia os direitos dos jovens e adolescentes, mas o conhecimento foi aprofundado nesse assunto, sobre o assédio moral, psicológico e físico”. Em relação aos espetáculos, diz ela: “as *Violas Caipiras* me encantaram, não fazia ideia de quantas formas diferentes elas tinham e nem que seriam tão agradáveis de se ouvir, devo dizer que amei”; “sobre o Curral Grande, fiquei impressionada e emocionada, me encantou profundamente e aprendi muito sobre os Currals do Governo com a palestra. Fico feliz de ter

participado”. Ana Maria Tereza explica que conseguiu expandir seus “conhecimentos sobre tipos de dança”, sendo enfática ao dizer: “gostei, especialmente, da palestra sobre Mundo do Trabalho, pois estou tentando conseguir um emprego na modalidade de Menor Aprendiz e lá obtive informações mais precisas sobre meus direitos trabalhistas”.

Para o desenvolvimento de uma atitude filosófica, Daiane considera que:

as atividades estão aproximando os alunos participantes, o que auxilia no melhor relacionamento entre os grupos. Todas as atividades nos fizeram ter uma nova visão a respeito dos assuntos tratados, o que nos trouxe uma nova forma de refletir e de nos questionarmos, sendo de extrema importância para o desenvolvimento filosófico.

Ana Maria Tereza diz: “dou total apoio! Atividades como essas ajudam os alunos a aprenderem melhor, se sentirem valorizados e os incentivam a terem mais participação voluntária, pois são atividades que só envolvem conhecimento e aprendizagem sem valer nenhuma nota”. Vemos que a estudante, embora tenha sugerido transformar as atividades em uma disciplina, mostra-se contraditória ao defender a participação voluntária. Ademais, ela diz que são “atividades que fazem os alunos aprenderem sobre culturas e assuntos novos, e que os fazem se questionarem sobre novos métodos de ensino e educação”. Mailza discorda de que as atividades tenham valor de notas, questionando: “tem coisa mais importante que o conhecimento adquirido?”

Como uma revoada, saímos em voos, que nos levam a outros espaços e tempos de currículo. Nada nos prende e vamos todos em voos de conhecimentos. Como as escolhas das viagens não tomam por base conhecimentos prévios docentes, apenas a experiência de outros voos impulsiona a revoada, mais nada além disso e do desejo de voar.

Considerações finais

Propor atividades transdisciplinares, em uma escola regular de Educação Básica, assumindo uma disciplina, é manter-se na instabilidade de uma zona de riscos e ser foco de críticas, baseadas na mesmice do cotidiano escolar, na acomodação e nos discursos de defesa da ordem estabelecida, para atender às políticas públicas, a despeito de outros interesses. Assim, o único sentido que vemos para as *Atividades Socioculturais educativas* é o da transição pela transgressão, a partir de uma forte aliança afetiva e ética com os estudantes. Os argumentos à sua ocorrência, sob nosso ponto de vista, devem basear-se na urgência de uma Educação da emoção e da vontade, tendo em vista uma perspectiva de Ser Humano, que não só se alimenta da razão, ainda maior elemento de sustentação dos currículos, mas da vontade, que determina o querer aprender e agir, em um fazer pelo querer, e da emoção, que embala os sentimentos mais profundos, individuais e coletivos.

Em síntese, em meio a críticas e riscos, sustentam-nos no Etno+Matema+Tica, certos de que estamos contribuindo para uma dinâmica do encontro de culturas, especialmente, das salas de aulas com as de *outras salas*, da realidade escolar formal discente com outras realidades, a partir de uma perspectiva de que é possível uma convivência mais saudável, ética e harmoniosa, que nos

possibilite lidar com os conflitos inerentes às diferenças pessoais e das relações humanas, perceber as oportunidades e a importância de buscá-las para ampliar conhecimentos, fazendo das oportunidades científicas, artísticas e culturais instrumentos comunicativos, analíticos e materiais de acesso às informações, o aprender a aprender, para além dos espaços escolares aprisionadores.

A busca de conhecimentos é um desafio a docentes e discentes, sem hierarquias, pois tudo é novo a todos, o que impõe uma atitude de humildade docente, em relação aos saberes e fazeres discentes, cabendo-lhe o propósito de emocionar para criar laços interpessoais, que garantam a experiência da fuga e sustentem as revoadas. Daine expressa um agradecimento “por proporcionar esses momentos maravilhosos e de grande aprendizado” e o emocional aflora em sua declaração de que “foram momentos que levarei com muito carinho no coração!” Por fim, concordamos com Mailza de que é incomensurável o valor dos conhecimentos, quando nos referimos às *Atividades Socioculturaleducativas*, pois “esse é o maior ganho, conhecimento é poder!”

Referências

- BRASIL. Presidência da República. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96*. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 15 jul.2016.
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. A Transdisciplinaridade como uma resposta à sustentabilidade. *Terceiro Incluído*, v.1, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2011a. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/14393>>. Acesso em: 30 jul.2016.
- _____. *Educação para uma sociedade em transição*, 2. ed. Ed. EDUFRRN, 2011b.
- _____. *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. *Transdisciplinaridade*. 2 ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 1996. Disponível em: <<http://educadores.educacao.ba.gov.br/system/files/private/midiateca/documentos/2016/pdf-pedagogiadaautonomia-paulofreire.pdf>>. Acesso em: 27 jul.2016.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- _____. *Emoções e Linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Agradecimentos

A Ana Maria Tereza Inácio de Sena Santana, Daiane da Silva de Jesus e Mailza Moreira de Sousa Novaes, pelo olhar discente tão apurado; aos amigos da dança, da escola extinta (?); aos amigos-parceiros do LEMA-UFBA, AMATRA-5, SENAI-Dendezeiros, Teatro Sesc Senac Pelourinho, BJS, Pituaçu Solar; à gestão escolar, pela confiança; a Ubiratan D'Ambrosio, por estimular os voos.

Biografia Resumida

Olenêva Sanches Sousa é pedagoga, mestre em Educação, doutora em Educação Matemática e pesquisadora do Programa Etnomatemática, atua como docente na Secretaria da Educação do Estado da Bahia.

Contato: oleneva.sanches@gmail.com